



**DIRETRIZES PARA ELABORAÇÃO DO CADASTRO ARQUITETÔNICO**  
PROJETO FORMAÇÃO DO ARQUITETO EM AÇÕES SOCIAIS DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

FELIPE MALVASSORE

# FICHA TÉCNICA

## Caderno Zero

Diretrizes para elaboração do cadastro arquitetônico

## Autoria

Felipe Malvassore

## Orientação

Alice Registro Fonseca

Henrique Telles Vichnewski

## Colaboração

Angela Jussania Christmann

Camila Gomes Pepi Paulucci

## Apoio

Centro Universitário Barão de Mauá

Instituto Casa da Memória Italiana

## Equipe

Adriana Jabur, Angela Jussania Christmann, Daele Rafaela Cesário dos Santos, Felipe Malvassore, Felipe Micheli C. de Castillo, Fernanda Cristina Cardoso Damante, Gabriel José de Almeida, Gabriela Barbosa Gonçalves, Humberto Borghi Filippini, João Lucas Barbosa, Lucas Henrique Campos, Luis Gustavo Giolo Vigatto, Paola Solosinski Arantes, Rodrigo Isaac da Silva, Sara Borges Zilli, Thamiris Bernardes da Silva, Thayná Prada, Victor de Souza Lopes, Yasmini Caramori Dutra.

Alice Registro Fonseca, Elza Luli Miyasaka, Henrique Telles Vichnewski, Jadiel Wylliam Tiago, Nilton Campos de Oliveira, Raquel Jacob Pereira, Sebastian Friedrich Beck.

MALVASSORE, F. **Diretrizes para elaboração do cadastro arquitetônico**. Projeto de formação do arquiteto em ações sociais de patrimônio histórico. Instituto Casa da Memória Italiana, Ribeirão Preto, 2018.

ao professor, orientador e amigo Henrique Telles Vichnewski pela oportunidade, confiança, companheirismo e acompanhamento durante todo o processo.

a Angela Jussania Christmann, pela amizade e companheirismo em todos os momentos que se fizeram necessário, a Camila Gomes Pepi Paulucci, pela grande amizade que teve início nas interações “entre museus” e seguiu durante toda a graduação.

a todos os amigos da equipe CMI – Alice Registro Fonseca, Maria Augusta Scatena Lopes, Nilton de Oliveira Campos e Raquel Jacob Pereira, por toda a ajuda e confiança, a Dirce Ventris Rodrigues, Edison Braga Soares e José dos Reis de Oliveira pelo acolhimento e as risadas durante o café.

aos professores Elza Luli Miyasaka, Jadiel Wylliam Tiago e Sebastian Friedrich Beck pela dedicação e contribuição em diferentes etapas do projeto, a professora Flavia Buschi Olaia, que, quando coordenadora da instituição fez possível o início do projeto e ao atual coordenador César Rocha Muniz por dar seguimento ao projeto, possibilitando a finalização deste.

a todos os alunos que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento dessa metodologia, de forma direta ou indireta, trabalhando diretamente comigo ou em outras frentes de trabalho, e a todos os profissionais que de alguma forma me instigaram e/ou inspiraram nessa jornada.



# SUMÁRIO

## **APRESENTAÇÃO ...06**

CADERNO ZERO .....06

## **LEVANTAMENTO ...07**

LEVANTAMENTO LONGIMÉTRICO .....07

LEVANTAMENTO FOTOGRAMÉTRICO .....10

## **DESENHO DIGITAL ...16**

DESENHO BIDIMENSIONAL .....00

DESENHO TRIDIMENSIONAL .....00

MAQUETE: FÍSICA E DIGITAL .....00

## **DOCUMENTAÇÃO ...17**

CADASTRO ARQUITETÔNICO .....00

MODELO DE DOCUMENTAÇÃO .....17

SISTEMA DE NOMENCLATURAS .....19

## **DIRETRIZES DE INTERCAMBIALIDADE ...20**

COMPATIBILIZAÇÃO DE ARQUIVOS DIGITAIS .....00

## **BIBLIOGRAFIA ...21**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....21

# APRESENTAÇÃO

Seja como ferramenta de resgate à memória ou conservação preventiva, o processo de levantamento e documentação de edifícios históricos é fundamental para manter a memória, a cultura e a evolução de uma civilização viva pelo maior período de tempo possível.

Com o grande número de profissionais empenhados na obtenção destes dados, surge a necessidade de padronização, tanto nas etapas de levantamento, tanto na documentação das informações. O sistema de levantamento e documentação de edifícios históricos que será apresentado a seguir, trata-se de um método desenvolvido para a realização do cadastro arquitetônico do Instituto Casa da Memória Italiana, através do projeto “Formação do Arquiteto em Ações Sociais de Patrimônio Histórico”, parceria do Instituto com o Centro Universitário Barão de Mauá, que teve início em novembro de 2016.

## CADERNO ZERO

A intenção deste caderno técnico, é reunir as etapas de todo o processo até então desenvolvido para facilitar as etapas subsequentes do projeto, e garantir que todos os trabalhos tenham a mesma identidade. Serve também como parâmetro para futuros trabalhos e equipes que passarem pela etapa de início ou padronização do levantamento já existente.

Ao iniciar o projeto, os membros da equipe se depararam com duas perguntas essenciais para a elaboração deste trabalho, sendo: *“O que e como levantar?”* e *“O que e como documentar?”*, estas perguntas serão respondidas em formas de dois capítulos, um a respeito do **sistema de levantamento**, onde serão apresentados dois sistemas, discutindo técnicas e dificuldades encontradas durante a implantação dos mesmos.

Antes de avançar ao segundo questionamento, existe um capítulo intermediário onde serão apresentadas as formas de representação gráfica e desenho digital, etapa a qual prepara os arquivos da etapa de levantamento para a etapa de documentação.

O próximo capítulo, referente ao **sistema de documentação de informações**, que apresenta o sistema desenvolvido pela equipe, desde o momento onde as informações são selecionadas, até a elaboração do material final do Cadastro Arquitetônico.

# LEVANTAMENTO

“A operação de medição não é um simples ato técnico com o intuito de medir grandezas físicas. Na realidade, em sua origem, existe uma escolha crítica efetuada sobre o objeto, que é o estabelecimento do que deve ser medido. O operador que realiza o levantamento de uma obra arquitetônica não pode medir os infinitos pontos que a compõem, mas deve escolher um número reduzido de pontos estratégicos que sejam significativos, a fim de evidenciar os valores da obra. Os pontos selecionados e traduzidos na representação gráfica devem constituir um modelo que represente as reais qualidades do objeto levantado.”

Renata Cima Campiotto<sup>1</sup>, 2016

## LEVANTAMENTO LONGIMÉTRICO

Conhecido também como levantamento direto, a longimetria é a forma de levantamento realizada através da obtenção de grandezas de medida através de pontos acessíveis fisicamente, ou seja, medidos em loco. Trata-se do método tradicional de medição, realizado através de fitas métricas, trena, régua, paquímetro, níveis, prumos, entre outras ferramentas manuais ou digitais, onde é preciso contato próximo ao material a ser levantado.

É o método onde o técnico possui maior controle sobre as informações, uma vez que, é ele quem determina cada ponto, porém, é um método onde, sem os devidos cuidados a margem de erro é muito grande.

Apesar da alta probabilidade de erro, as técnicas presentes nesse método são complementares a outros levantamentos, como o fotogramétrico, do qual falaremos em breve; pois possui técnicas simples, de baixo orçamento e, que se utilizadas de maneira correta, pode atingir níveis altos de precisão.

Todas as técnicas que serão apresentadas a seguir, são acompanhadas dos “**croquis métricos**”, que se tratam das anotações feitas em loco, que auxiliam na leitura no momento em que as informações levantadas forem transcritas a limpo. É sempre importante, que o croqui seja transcrito a limpo o mais rápido possível, pois com o passar do tempo fica difícil identificar com precisão os desenhos.

<sup>1</sup> “O levantamento métrico-arquitetônico na conservação do patrimônio” – Projeto de desenvolvimento do Plano de Gestão da Conservação da FAUUSP, 2016.

## O PROCESSO DE LEVANTAMENTO

Independente da ferramenta métrica a ser utilizada, o primeiro passo é iniciar um croqui da planta, ou elevação, com dimensões proporcionais ao observado, onde serão anotadas todas as dimensões levantadas, e anotações que possam contribuir durante esta etapa.

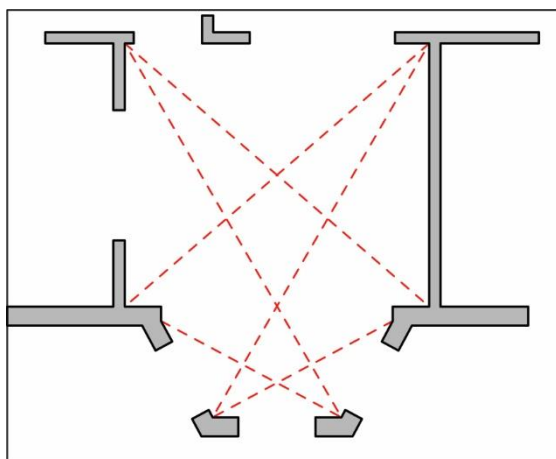
As medias obtidas através de trenas e fitas métricas, deverão ser realizadas através de uma única passada, isto é, percorrendo toda a extensão da face de uma única vez, e não através de pontos medianos, uma vez que, se por alguma razão estes estejam desalinhados, grande parte da medição poderá estar comprometida. Outra nota importante durante as medições com este tipo de ferramenta, é a utilização de pontos de apoio localizados em uma mesma cota, para estender a fita métrica com o mínimo de inclinações possíveis, obtendo assim a dimensão exata da face em questão.

No caso de aparelhos de trena à laser, deve-se ficar atento as instruções da ferramenta referentes ao ponto inicial de medição, que pode ser configurado somando o corpo da peça, ou a partir da peça. Em ambientes em que o ponto a ser medido possui superfície translúcida ou refletiva, deve-se ter atenção reforçada, pois o feixe de luz responsável pela obtenção da medida pode refletir e obter leituras errôneas, para evitar esse tipo de acontecimento, deve-se colocar sob a superfície um material opaco de referência.

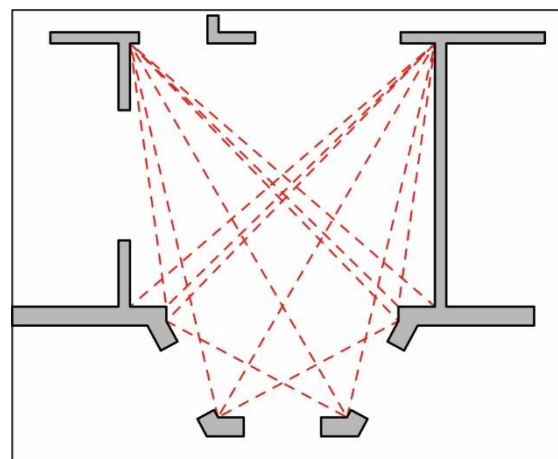
Edifícios históricos, devem ser levantados com um nível mais avançado de rigor, uma vez que seus elementos sofrem com a ação do tempo, e dificilmente “tudo estará no mesmo nível”, por isso, todos os ambientes deve-se levantar, além das dimensões perimetrais de suas faces, a triangulação de todas as elevações, pisos e tetos, para observar irregularidades e desaprumos resultados por recalque das fundações ou ações adversas.

Triangular um ambiente, nada mais é decompor suas poligonais em triângulos, uma vez que com apenas três seguimentos de reta, só é possível fechar o polígono com a angulação correta, diferente de formas compostas por mais seguimentos de reta.

O caderno 7 do IPHAN “A Documentação como ferramenta de Preservação do Patrimônio”, recomenda que seja executada no mínimo duas diagonais de amarração por triangulação para obtenção da geometria da planta. Porém, quando é possível realizar todas as triangulações que podem compor o ambiente a probabilidade de erros no levantamento é praticamente nula.



**FIGURA 01** – Sala Dourada - Triangulação mínima, 2018.



**FIGURA 02** – Sala Dourada – Triangulação completa, 2018.



Utilizando como exemplo a planta da Sala de Visitas da Casa da Memória Italiana, também conhecida como “Sala Dourada” (Figura 01 e 02), por se tratar de um ambiente composto por mais de quatro elevações, o quantidade mínima de diagonais de amarração é superior ao recomendado pelo IPHAN, pois apenas duas diagonais seria insuficiente para garantir com exatidão o fechamento exato da poligonal, sendo assim, como pode ser observado na Figura 01, o número mínimo de triangulações<sup>2</sup> passa a ser seis, ainda que, seja possível a obtenção do fechamento da forma com três triangulações. Já no caso onde se pretende realizar o cadastro arquitetônico com o maior grau de rigor, o mesmo ambiente pode atingir quatorze diagonais de amarração, seguindo o exemplo ilustrado da Figura 02.

Em objetos que apresentam menor escala, como ornamentos em gesso, as medidas deverão ser realizadas a partir do uso de paquímetro e régua, ou escalas e aparelhos especiais, para obter maior precisão no trabalho.

<sup>2</sup> “Número mínimo de triangulações” – O número mínimo adotado para o sistema apresentado neste caderno se difere das recomendações técnicas do caderno 7 do IPHAN, a fim de garantir a obtenção de valores e dimensões com maior exatidão.

# LEVANTAMENTO FOTOGRAMÉTRICO

Levantamento fotogramétrico, ou indireto passivo, atualmente é a forma de obtenção de dados mais prática, pois possibilita a medição de pontos de difícil acesso com certa facilidade e com o avanço dos meios tecnológicos se tornou possível sua implantação com orçamento relativamente baixo, comparado a outros métodos de levantamento, como é o caso do levantamento instrumental e do levantamento indireto ativo, que é realizado a partir de equipamentos tecnológicos que demandam maiores orçamentos.

As técnicas que serão apresentadas a seguir, tomam como base os experimentos desenvolvidos e adotados no decorrer do projeto para suprir as necessidades do mesmo.

## O PROCESSO DE LEVANTAMENTO

Independente da ferramenta métrica a ser utilizada, o primeiro passo é iniciar um croqui da planta, ou elevação, com dimensões proporcionais ao observado, onde serão anotadas todas as dimensões levantadas, e anotações complementares ao levantamento.

Com o croqui em mão, dá-se início a esquematização do levantamento fotogramétrico, isto é, a escolha dos pontos de origem de cada fotografia para obtenção da elevação pretendida. Tais pontos devem ser esquematizados levando em consideração o fator escala/distância entre o elemento e o ponto da fotografia.

A câmera deve ser posicionada paralelamente ao elemento a ser registrado, seguindo o alinhamento ao eixo central do objeto (altura e largura). É recomendado que a câmera seja fixada sob suporte ou equivalente, para garantia de uma imagem com maior exatidão, necessitando assim, de mínima correção de perspectiva nas etapas subsequentes.

O fator escala/distância, é determinante não só na locação dos pontos de origem das fotografias, mas tem influência direta na técnica de levantamento fotogramétrico a ser utilizado.

Utilizaremos exemplos de aplicação para facilitar o entendimento, e com isso, esclarecer de forma mais rápida qual técnica deve ser adotada para cada caso.

“Uma das fases mais importantes do levantamento fotogramétrico é a aquisição de dados, momento que deve ser minuciosamente planejado, para se evitar erros no processo. A interpretação das fotografias é outra fase que demanda cuidados, pois, a alta qualidade do produto gerado, é fruto de um trabalho bem realizado.”

Eloane de Jesus Ramos Cantuária<sup>3</sup>, 2003.

<sup>3</sup> “**Fotografia, arquitetura e restauro**” – Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - PPG-AU/UFBA, 2003.

## Elementos de menor escala

São considerados elementos de menor escala, aqueles cujo enquadramento fotográfico pode ser obtido com totalidade dentro do ambiente ao qual se encontra, geralmente se enquadram nessa categoria elementos de mobiliário, peças decorativas, ornamentos, esquadrias (dependendo das dimensões), entre outros.

A distância do ponto de origem de fotografia em relação ao objeto neste caso, é determinado de forma diretamente ligada as suas dimensões, isto é, quanto menor for as dimensões do objeto, menor será a distância entre ele e o ponto. Devido a diversidade de equipamentos fotográficos e lentes, não há uma tabela ou fórmula padrão entre dimensão e distância, assim, o ponto ideal é aquele onde seja possível inserir o objeto por completo no enquadramento da fotografia.

Vale a pena ressaltar que não é recomendado que o objeto esteja em um dos limites do enquadramento da fotografia, para garantir que não haverá perda de informações.

## Elementos de maior escala

Se tratam de elementos cujo enquadramento fotográfico não se dá através de uma única imagem, devido a sua dimensão, ou devido a limitação da distância entre o objeto e o ponto de origem da fotografia, tendo como exemplo murais, fachadas, afrescos, dentre outros.

No caso do registro de elementos de maior escala, há duas técnicas que podem ser adotadas, de acordo com o objeto e a finalidade do levantamento.

A primeira técnica, e a de aplicação mais usual, é o **mosaico de ortofotos**, que pode ser utilizado em qualquer objeto que se enquadra na categoria de maior escala.

Se trata da captação parcial da imagem através de diversos pontos, onde as fotografias são combinadas configurando um mosaico. Apesar de parecer simples, a diagramação de um mosaico deve ser feita de forma rigorosa, uma vez que devesse manter uma margem de perda em cada imagem registrada.

Se um determinado objeto tiver o mosaico definido sem a consideração de uma margem, as chances do levantamento ser comprometido é muito grande, uma vez que além da possibilidade de distorção de perspectiva na junção de fotografias, não ter elementos de referência presentes em ambas as fotografias a serem unidas, pode resultar na perda de informações.

No caso de elementos simétricos, e, que o levantamento fotográfico servirá somente de apoio para a digitalização do elemento, e não o registro fotográfico da peça como um todo, é possível fotografar apenas parte do objeto, assim, não descartando a necessidade de realizar um mosaico de ortofotos.

Este tipo de técnica, é aplicada com maior frequência em elementos como peças de revestimento cerâmico, ladrilhos hidráulicos, pinturas parciais, produtos de serralheria, entre outros.

## ESCALA E RETIFICAÇÃO DE IMAGENS

A utilização da fotografia digital como referência para elaboração de desenhos técnicos em softwares CAD, diminui drasticamente o tempo de confecção dos desenhos, porém, para se tornarem elegíveis para este fim, as fotografias devem ter informações sobre a escala, e passar pelo processo de retificação quando necessário.

“Outro procedimento empregado na fotogrametria é a possibilidade de retificação das imagens fotográficas removendo-lhes a deformação da perspectiva e encontrando a verdadeira grandeza de suas partes, desde que pelo menos uma delas seja conhecida.”

Mário Mendonça de Oliveira<sup>4</sup>, 2008.

A informação relativa a escala do objeto, pode se dar no ato da obtenção da imagem, através da inserção de elementos métricos junto ao objeto (régua, fita métrica, etc), ou, deve-se obter no mínimo duas dimensões de referência do objeto, sendo uma no sentido longitudinal e outra no sentido transversal do objeto através das técnicas de levantamento longimétrico apresentadas anteriormente.

Deve-se evitar o uso de escalímetro como referência métrica neste processo, uma vez que, por sua forma, as medidas não estarão no mesmo plano do objeto analisado, sofrendo deformação desigual da perspectiva, sendo assim, aconselhado o uso de ferramentas de faces planas.

Conforme nota-se na citação anterior, o caderno 7 do IPHAN afirma que, conhecendo a verdadeira grandeza de uma das partes do objeto, é possível remover a deformação da perspectiva, porém, acreditamos que conhecer apenas uma das grandezas não é o suficiente, visto, que o processo de distorção pode se dar tanto no plano vertical, quanto no horizontal, demandando assim o mínimo de duas dimensões para garantir maior precisão no dados.

É imprescindível coletar as dimensões de todos os objetos que estarão presentes no cadastro arquitetônico, pois, mesmo que dois ou mais objetos tenham sido registrados em uma mesma fotografia, as dimensões de um segundo objeto reescalado a partir das dimensões de outro, pode gerar informações equivocadas, devido a distorção sofrida na imagem.

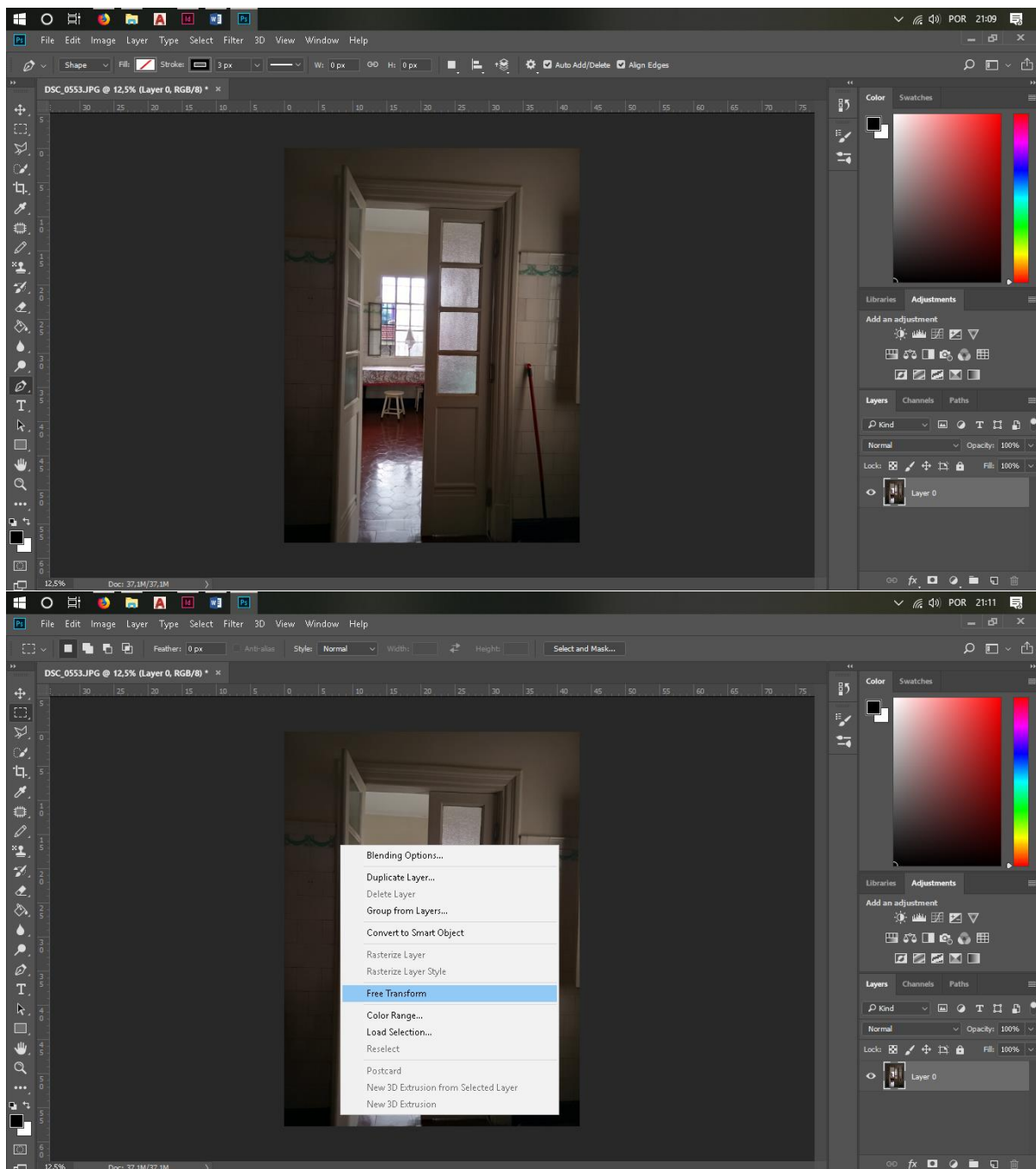
<sup>4</sup> “A documentação como ferramenta de Preservação da Memória” – Cadernos Técnicos; 7 – IPHAN / Programa Monumenta, 2008.

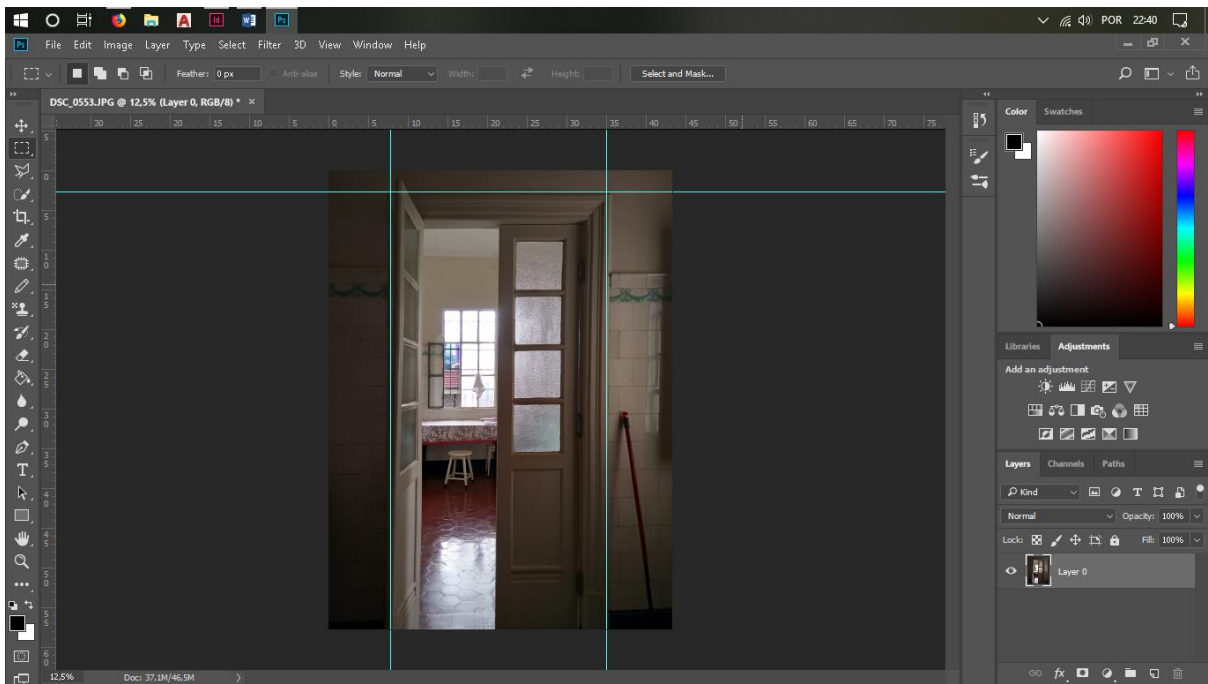
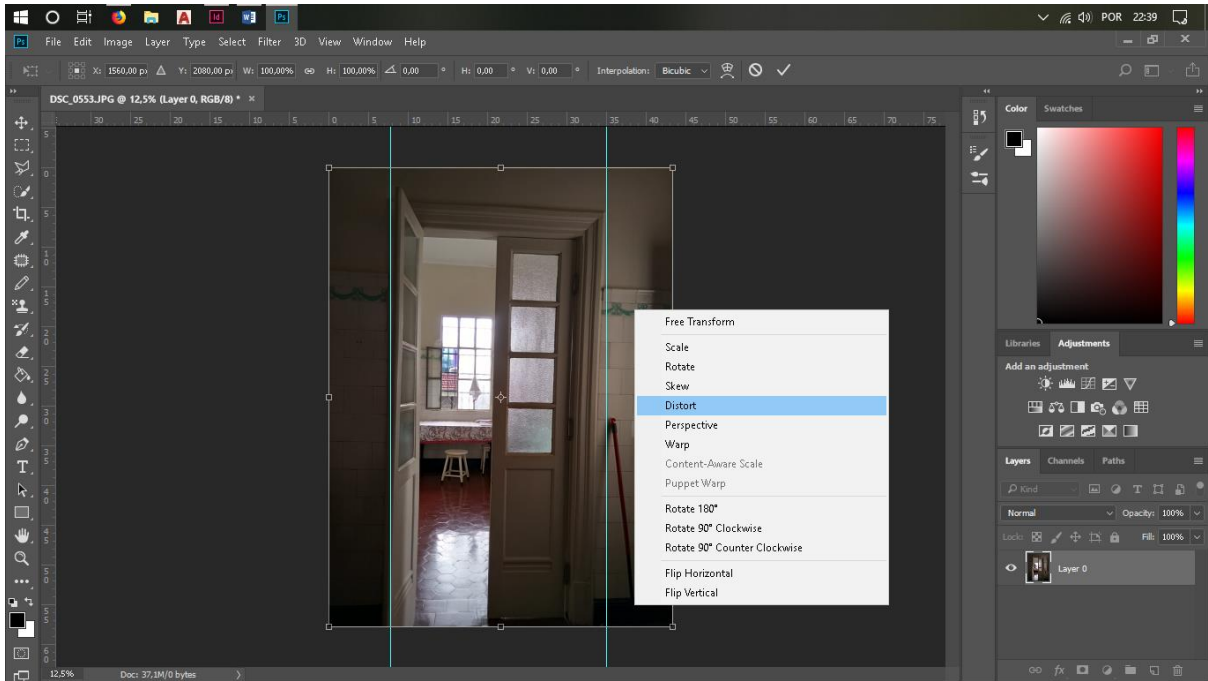
## Processo de retificação de imagens

Para o processo de retificação das imagens obtidas nos levantamentos, optamos pelo uso do Adobe Photoshop, por conhecimento prévio dos integrantes e fácil compatibilização com diversos formatos de arquivos utilizados pela equipe.

Vale ainda salientar que esta não é a única forma possível ou a única correta, visto que existe uma grande variedade de softwares específicos, ou não para essa atividade, capazes de realizar este processo de forma similar.

O esquema abaixo ilustra o processo de retificação de imagens através do Adobe Photoshop, utilizando como exemplo o elemento P10.





## Processo de reescalamiento

As imagens podem passar pelo processo de reescalamiento antes, ou depois do desenho digital. Porém, o mais aconselhado é que seja realizado antes, exceto em casos onde a imagem é fruto de digitalização ou as proporções entre o eixo X e Y estejam perfeitamente alinhadas.

Como essa etapa está diretamente ligada ao desenho digital, a melhor opção é a realização da mesma no mesmo software utilizado para a elaboração dos desenhos, facilitando e agilizando o processo.

Utilizamos o software Autodesk AutoCAD, por ser uma plataforma CAD que nos garante “estabilidade temporal”, devido aos vários anos no mercado, e a compatibilidade com diversos softwares e plataformas, além de ser de fácil implementação, uma vez que atualmente todo estudante de arquitetura, ou ligado ao desenho técnico tem conhecimento prévio sobre o mesmo.

Esse processo é bem simples, basta a criação de uma linha com dimensão referente ao tamanho real de uma face do objeto através do comando Line (L). Após a criação do referencial métrico, basta selecionar o objeto a ser reescalado e acionar o comando Scale (SC); clicar em um ponto base do objeto e sequenciar o comando para a etapa Reference (R), clicando no ponto inicial e logo após, no ponto final da linha referente à linha representada no referencial métrico; seguido da sequencia Points (P), dessa vez selecionando os pontos iniciais e finais diretamente do referencial métrico, assim, reescalando todas as linhas do objeto de acordo com a dimensão da referência.

# DESENHO DIGITAL

“Citação.”

Autor, Ano

## DESENHO BIDIMENSIONAL

Texto

## DESENHO TRIDIMENSIONAL

Texto

## MAQUETE: FÍSICA E DIGITAL

Texto



## CADASTRO ARQUITETÔNICO

Texto

## MODELO DE DOCUMENTAÇÃO

O modelo de cadastro (prancha) elaborado durante esse projeto, visa ilustrar da melhor maneira os elementos levantados, de forma clara e limpa, contendo apenas informações essenciais para entendimento e compreensão dos mesmos.

### Formato

O formato inicial adotado para as pranchas, foi o ISO 126 A3, por se tratar de um formato de fácil manuseio e baixo custo de impressão. Quando há a necessidade de expansão do formato, o mesmo deve ser acrescido horizontalmente ou verticalmente de acordo com as dimensões dos outros formatos do padrão A presentes na ISO 126, sendo: 210; 297; 420; 594; 840 mm.

### Carimbo

O carimbo, ou legenda de uma prancha, é a área destinada a informação de dados referentes ao desenho, como títulos, escalas, revisão; e dados referentes ao processo, como identificação dos autores, etapa do processo, data. Na fonte "Bebas Kai" altura 4 para textos em destaque e 1.8 para chamadas.

No modelo adotado na Casa da Memória Italiana, os seguintes dados foram selecionados para composição do carimbo: Identificação: Levantamento, Orientação e Supervisão; Realização; Escala; Data; Elemento; Numeração da prancha; Arquivo. Além de um campo secundário no rodapé da página referente às revisões do arquivo, contendo: Revisão, data e autoria.

A organização desses dados pode ser observada no exemplo abaixo.

LEVANTAMENTO <b>DAIELE CESÁRIO - FERNANDA DAMANTE - GABRIELA GONÇALVES - PAOLA SOLOSINSKI</b>		
ORIENTAÇÃO <b>HENRIQUE VICHNEWSKI - SEBASTIAN BECK</b>		
SUPERVISÃO <b>ALICE REGISTRO - NILTON CAMPOS</b>	ESCALA <b>1:20</b>	DATA <b>OUT 17</b>
REALIZAÇÃO <b>INSTITUTO CASA DA MEMORIA ITALIANA</b>	ELEMENTO <b>J03</b>	PRANCHA <b>01/02</b>
<b>CENTRO UNIVERSITARIO BARAO DE MAUA</b>		ARQUIVO DOM.CA.J.DWG / DOM.CA.J03.PDF
REVISÃO	02   DATA	ABR/2019   FELIPE MALVASSORE

## Desenhos

Os desenhos e ilustrações devem ser representados de forma limpa e clara, sem excesso de linhas, texturas e hachuras, essas que devem ser inseridas apenas quando necessário, como para preenchimento de alvenarias, ou distinção de materiais, como preenchimento dos planos de vidros, no caso de esquadrias.

Todos os elementos devem ser cotados com cotas lineares, com linhas de chamada na cor vermelha e espaçamento entre o desenho de 0.7 (variável pela escala adotada); com fonte “Bebas Kai” tamanho .100 e espaçamento de .020 até a linha de chamada.

Os elementos que compõe os desenhos deverão estar organizados em layers (camadas) diferentes de acordo com suas configurações (ex.: Porta – Batente, folha, bandeira, vidro), a fim de facilitar futuras alterações ou utilização para diversos fins.

## Dossiê de arquivos

Se trata da lista de documentos produzidos em determinada etapa do trabalho, com a finalidade de organizar os arquivos e facilitar o acesso aos arquivos digitais.

O dossiê é organizado através de uma planilha, onde os arquivos são categorizados de acordo com sua natureza e tipologia, contendo as seguintes informações:

Nº - Número do arquivo na lista

Documento – Nomenclatura do arquivo

Revisão – Versão da revisão atual do arquivo

Título do Documento – Nome simplificado do arquivo, para facilitar o acesso

Escala – Quando se aplica, refere-se a escala dos desenhos empregados

Extensão – Extensão do arquivo digital

Formato – Se refere ao tamanho de página no caso de pranchas, proporção no caso de slides; etc.

Data – Data da primeira versão do arquivo

Data Rev – Data da revisão

Deve ser destacado na nota de rodapé a autoria e a data de realização do dossiê. Na imagem abaixo podemos ver como se dá a diagramação do dossiê



CASA DA  
MEMÓRIA  
ITALIANA

CATÁLOGO DE ESQUADRIAS  
DOSSIÊ ARQUIVOS - PORTAS

Nº	DOCUMENTO	REVISÃO	TÍTULO DOCUMENTO	ESCALA	EXTENSÃO	FORMATO	DATA	DATA REV
00	DOM.CAP	RD4		1:1	DWG	CAD	abr17	jun19
01	DOM.CAP01-1	RD4	P01	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
02	DOM.CAP01-2	RD4	P01	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
03	DOM.CAP02-1	RD4	P02	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
04	DOM.CAP02-2	RD4	P02	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
05	DOM.CAP03-1	RD4	P03.1	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
06	DOM.CAP03-2	RD4	P03.2	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
07	DOM.CAP03-3	RD4	P03.3	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
08	DOM.CAP04-1	RD4	P04	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
09	DOM.CAP05-1	RD4	P05	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
10	DOM.CAP06-1	RD4	P06	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
11	DOM.CAP07-1	RD4	P07	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
12	DOM.CAP08-1	RD4	P08.1	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
13	DOM.CAP08-2	RD4	P08.2	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
14	DOM.CAP08-3	RD4	P08.3	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
15	DOM.CAP09-1	RD4	P09.1	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
16	DOM.CAP09-2	RD4	P09.2	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
17	DOM.CAP10-1	RD4	P10	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
18	DOM.CAP11-1	RD4	P11	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
19	DOM.CAP11-2	RD4	P11	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
20	DOM.CAP12-1	RD4	P12	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
21	DOM.CAP13-1	RD4	P13	1:20	PDF	A3	abr17	dez18
22	DOM.CAP14-1	RD4	P14	1:20	PDF	A3	abr17	dez18

## SISTEMA DE NOMENCLATURAS

A sistematização de nomenclatura de arquivos digitais, é um procedimento que garante a organização intelectual dos documentos através de uma estrutura organizacional, além de facilitar o acesso dos mesmos.

Esse sistema deve ser aplicado a todos os arquivos produzidos durante as diversas etapas do projeto, de forma com que qualquer usuário possa consultar e identificar com facilidade quaisquer documentos produzidos, independente do autor.

Para criação de uma estrutura de nomenclaturas, foram consultados diversos catálogos técnicos, onde selecionamos o sistema CadNorma da AsBEA como principal orientador nesse processo, simplificando sua organização de forma que atendessem melhor a demanda do projeto.

### Sistema de Classificação

A nomenclatura dos arquivos produzidos durante o projeto possui a seguinte estrutura:

Agente.Assunto.Elemento.ext

Onde, o **Agente** é a disciplina ou grupo responsável pela informação, todos os arquivos produzidos durante o projeto ligados ao cadastro arquitetônico, possuem um mesmo agente em comum, Documentação Museológica (**DOM**); ressalvo as fotografias, que correspondem ao agente Registro Fotográfico (**RGF**); e pesquisas em Pesquisa Histórica (**PHI**); porém existem outros agentes que podem ser aplicados a esse sistema, para organizar outros arquivos do instituto, por ex: Administrativo (**ADM**); Comunicação Visual (**CMV**); Curadoria (**CUR**); Documentação Institucional (**DCI**); Eventos (**EVN**); Loja (**LOJ**); Projetos para lei de incentivo (**PLI**); Outros (**OUT**).

Assunto, corresponde a categoria, ou etapa a qual os documentos correspondem, dentro do agente Documentação Museológica por exemplo, temos o Cadastro Arquitetônico (**CA**), Visita Ilustrada (**VI**), dentre outros. Seguido do elemento, que corresponde ao objeto apresentado no arquivo, onde a possibilidade de nomenclaturas se expande gradualmente ao tipo de agente. A referência correspondente ao elemento deve ser composta pela sequência de uma ou duas letras, juntamente com dois números, correspondentes ao item em questão.

# DIRETRIZES DE INTERCAMBIALIDADE

“Citação.”

Autor, Ano

## COMPATIBILIZAÇÃO DE ARQUIVOS DIGITAIS

Texto

# BIBLIOGRAFIA

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LEVANTAMENTO

BASTIAN, A. V. **Métodos e técnicas de baixo custo para levantamento métrico de sítios históricos**. 2015. 266f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

CAMPIOTTO, Renata Cima. **O levantamento métrico-arquitetônico na conservação do patrimônio**. 2016. Projeto de desenvolvimento do Plano de Gestão da Conservação da FAUUSP. Disponível em <<https://conservafau.wordpress.com/2016/04/15/o-levantamento-metrico-arquitetonico-na-conservacao-do-patrimonio/>> Acessado em 03 de abr. 2018.

CANTUÁRIA, Eloane de Jesus Ramos. **Fotografia, Arquitetura e Restauro**. 2003. 123f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

FUNDAÇÃO CENTRO DE PRESERVAÇÃO DOS SÍTIOS HISTÓRICOS DE OLINDA. **Roteiro para execução de levantamento arquitetônico de um edifício de cunho histórico e artístico-cultural**. I Semana da Preservação do Patrimônio Natural e Cultural de Olinda. Olinda: Prefeitura de Olinda / Secretaria de Educação e Cultura, 1983.

OLIVEIRA, Mario Mendonça de. **A documentação como ferramenta de preservação da memória**. Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2008. – (Cadernos Técnicos;7)

### DOCUMENTAÇÃO

CARVALHO, Cláudia R. **O projeto de conservação preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa**. Sd. Disponível em <[http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/789/1/FCRB\\_ClaudiaCarvalho\\_Projeto\\_de\\_conservacao\\_preventiva\\_do\\_museu\\_Casa\\_de\\_Rui\\_Barbosa.pdf](http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/789/1/FCRB_ClaudiaCarvalho_Projeto_de_conservacao_preventiva_do_museu_Casa_de_Rui_Barbosa.pdf)> Acesso em 10 mai. 2017.

INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO. **Plano de conservação preventiva: Bases orientadoras, normas e procedimentos**. Coleção Temas de Museologia. Lisboa, 2007.

OLIVEIRA, Mario Mendonça de. **A documentação como ferramenta de preservação da memória**. Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2008. – (Cadernos Técnicos;7)

### DIRETRIZES DE INTERCAMBIALIDADE

CAMBIAGHI, Henrique. et al. **Diretrizes gerais para intercambialidade de projetos CAD: integração entre projetistas, construtoras e clientes**. São Paulo: Pini, 2002.



CASA DA  
MEMÓRIA  
ITALIANA



Barão de  
**Mauá**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO  
RIBEIRÃO PRETO - SP